



ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE RONDÔNIA

SECRETARIA LEGISLATIVA

DIVISÃO DE TAQUIGRAFIA

37ª SESSÃO SOLENE EM HOMENAGEM AO DIA DA CONSCIÊNCIA NEGRA

EM: 20.11.2019

INÍCIO: 14h58min

PRESIDENTE: LAZINHO DA FETAGRO

O SR. JOSÉ CARLOS PAIM (Mestre de Cerimônias) - Senhoras e senhores, autoridades presentes, telespectadores que assistem ao vivo esta solenidade; funcionários desta Casa, boa tarde.

É com grande satisfação que esta Casa Legislativa os recebe nesta tarde para realização desta Sessão Solene para homenagear, com Voto de Louvor, 30 personalidades que contribuíram com a luta e o avanço da igualdade racial no Estado de Rondônia. Sejam todos bem-vindos.

A Assembleia Legislativa, após aprovação, no Plenário, de Requerimento do Excelentíssimo Senhor Deputado estadual Lazinho da Fetagro, realiza nesta data esta Sessão Solene de homenagem.

O Dia da Consciência Negra é comemorado em 20 de novembro, em todo o País. A data homenageia Zumbi, um pernambucano que nasceu livre, mas foi escravizado aos 6 anos de idade. O objetivo do Dia da Consciência Negra é fazer uma reflexão sobre a importância do povo e da cultura africana no Brasil. Também serve para analisarmos o impacto que tiveram no desenvolvimento da identidade cultural brasileira.

Vamos proceder, neste momento, a composição da Mesa de Honra, e já convido para tomar assento, o Excelentíssimo Senhor Deputado Lazinho da Fetagro, proponente desta Sessão Solene; Senhor Antônio Neto, Presidente do Conselho Estadual da Promoção da Igualdade Racial - CEPIR. Professor Marco Teixeira, historiador e homenageado; Professora Dra. Marcele Regina Nogueira Pereira, Pró-Reitora de Cultura, Extensão e Assuntos Estudantis, representando a Universidade Federal de Rondônia - UNIR; Excelentíssima Senhora Gislaine Clemente, Prefeita do Município de São Francisco do Guaporé; Senhora Ana Maria Ramos, representando o Movimento Negro; Senhora Eunice Johnson, representando o Movimento Negro. Convidamos também o Senhor Antônio Silvestre, representando a FECAUBER.

Neste momento, Sua Excelência, o Deputado Estadual Lazinho da Fetagro, procederá à abertura desta Solenidade.

O SR. LAZINHO DA FETAGRO (Presidente) - Invocando a proteção de Deus, em nome do povo rondoniense, declaro oficialmente aberta a Sessão Solene para homenagear, com Voto de Louvor, 30 personalidades que contribuíram e contribuem com a luta e o avanço da igualdade racial no Estado de Rondônia.

Passo ao nosso Mestre de Cerimônias para continuar com a programação.

O SR. JOSÉ CARLOS PAIM (Mestre de Cerimônias) - Estando a Mesa dos Trabalhos composta, pedimos por gentileza, aos que puderem, para que, de pé, cantemos juntos o Hino Céus de Rondônia (Letra de Joaquim de Araújo Lima e música do Dr. José de Mello e Silva).

(Execução do Hino Céus de Rondônia)

O SR. JOSÉ CARLOS PAIM (Mestre de Cerimônias) - Podeis assentar. Nós queremos registrar e agradecer a presença, nesta Casa de Leis, das seguintes autoridades: Senhora Ednair Nascimento, Diretora do Museu Memória Rondoniense; Ana Carolina Assunção, Coordenadora de Direitos Humanos da SEAS, representando a Secretária da SEAS, Senhora Luana Rocha; Dr. Marcelo Barroso, representante da Comissão de Acompanhamento Legislativo OAB/RO; Senhor Gilmar Alves Lima Júnior, Reitor Substituto do IFRO. Agradecer a presença ainda dos Alunos do Quilombo de Pedras Negras e Santo Antônio; Senhor Elias Donadon Batista, do Incra; a Dra. Rosimar Francelino, representando a Rede Lilás; Senhor Antônio do Amaral, Secretário Regional Norte I - Confederação Nacional dos Trabalhadores da Indústria - CNTI. Nereu Klosinski, Presidente da CUT. Senhora Silvana Gregório Carlos, Gerente de Informação e Capacitação Técnica e Pedagógica, neste ato representando a Secretaria de Estado da Educação - SEDUC. Senhora Lionilda Simão de Souza, Presidente do Sintero; Senhor Ederson Littig Bruscke, Superintendente Regional do Incra em Rondônia.

O SR. LAZINHO DA FETAGRO (Presidente) - Senhoras e senhores, companheiros e companheiras, boa tarde! É com muita honra e uma satisfação muito grande que esta Casarecebe estas lideranças, ora pontuadas, para homenageá-las. Com certeza muitas outras também merecem, merecem ser homenageadas, porém, nós podemos ir fazendo isso ao longo dos próximos anos, sem problema nenhum.

Eu quero com muita, com o coração muito aberto agradecer a presença de todos em nome desta Casa, em nome do Presidente Laerte, e em nosso nome, do nosso gabinete.

O SR. JOSÉ CARLOS PAIM (Mestre de Cerimônias) - Nós gostaríamos de convidar a Senhora Lionilda Simão de Souza, Presidente do Sintero, para fazer parte da Mesa de Autoridades. Convidar ainda o Professor Mestre Uilian Nogueira Lima, que é o Coordenador do Núcleo de Estudos e Pesquisas Afro-Brasileiras e Indígenas, representando o Instituto Federal de Rondônia.

O SR. LAZINHO DA FETAGRO (Presidente) - Obrigado, uma salva de palmas, muito obrigado.

Em primeiro lugar, quero cumprimentar aqui o Antônio, e parabenizar já pela luta e pela organização do Conselho, pela forma como você vem conduzindo, e nos colocar sempre à disposição do mandato. Em teu nome, cumprimentar toda a direção que se dispõe e que nos procurou para poder, juntos, realizarmos esta Sessão Solene. O nosso mandato é composto de ideias que vêm de fora para dentro.

Eu fico muito feliz neste dia, que é o dia onde a gente comemora o Dia de Zumbi, não é isso? Dia da Consciência Negra, o dia da luta pela igualdade racial.

Então, para nós é uma satisfação muito grande esta audiência. E eu quero aqui registrar, cumprimentando toda a Mesa, de modo igual à Prefeita Lebrinha, que é a nossa Negra Loira, aqui colocada pela Comunidade Quilombola, pelos negros, pela Região dela, lá na Região do Guaporé. Cumprimento assim todos os Professores, Dona Ana Maria, de modo muito especial, o amor que eu tenho por ela - ela sabe disso -, nós trabalhamos muito tempo junto lá na FETAGRO, não é isso? E a Dona Maria era a Conselheira, ela é Conselheira e já era Conselheira, claro que na minha juventude, na nossa juventude, ela é... Salva de palmas para ela mais uma vez... Ela é, para mim, uma referência de liderança e de amor ao próximo aqui no nosso Estado. Então, em nome dela, cumprimento a todos os outros da Mesa.

Hoje, quero registrar também que se inicia a Campanha Mundial de 16 Dias de Ativismo pelo fim da violência contra a mulher. Então, que hoje marca esta solenidade, esta Sessão, mas que também fica registrado aqui o início da luta contra a violência, pelo fim da violência contra a mulher.

E quero registrar também, com muita vergonha, em alguns momentos, de ser brasileiro e de passar o País pelo o que passa. Registrar um fato ocorrido ontem no Congresso Nacional, onde, vergonhosamente, um Deputado eleito pelo povo, adentra o Congresso e quebra uma obra de arte que representa a luta, a violência, apresenta a violência contra o negro no nosso País. Essa era uma caricatura, essa obra de arte, e o indivíduo, que não pode ser chamado de cidadão, com o título ainda de Coronel da Polícia, ter a petulância, a irresponsabilidade, a irrelevância e a imoralidade de quebrar, praticar esse ato perante toda a sociedade. É uma vergonha para o País a gente viver isso que nós estamos vivendo agora, é muito triste. Eu fiz 60

anos agora, eu passei a minha infância pela ditadura militar. Lá, naquela época, a gente via coisas tristes e os mais velhos aqui, os mais experientes sabem muito bem disso. Hoje, nós vivemos o ano de 2019, num País onde a luta contra a desigualdade é muito grande e que os dados apresentados naquele cartaz, inclusive, são dados fornecidos pela própria polícia da violência contra o negro no País, da quantidade de mortes, da quantidade de negros assassinados, o indivíduo vai lá e faz esse ato.

Por isso, eu quero propor a esta Mesa e propor a este Plenário, propor a todos vocês que estão aqui presentes, nós redigimos um texto de repúdio ao ato praticado no Congresso Nacional. Vamos ler esse ato, esse documento aqui e se houver a concordância de todos e todas, nós vamos assinar e encaminhar ao Congresso Nacional, à Presidência do Congresso Nacional.

Então, eu quero pedir, já sem mais delonga, para que o nosso companheiro possa ler para nós e posteriormente a gente vai colocar em votação e, em aprovado, a gente colhe essas assinaturas para poder encaminhar.

Fique à vontade.

O SR. JOSÉ CARLOS PAIM (Mestre de Cerimônias) -
Procede à leitura da Moção de Repúdio:

MOÇÃO DE REPÚDIO

Em Sessão Solene para homenagear com Voto de Louvor, 30 personalidades que contribuíram com a luta e o avanço da igualdade racial no Estado de Rondônia, realizada hoje, dia 20 de novembro de 2019, às 14h30min, aprovamos esta Moção

de Repúdio ao ato do Deputado Federal Coronel Tadeu (PSL/SP) pelo ato grave, injustificado, racista e imoral praticado na exposição realizada na Câmara Federal, quando da alusão ao Dia da Consciência Negra, celebrado hoje, 20 de novembro, destruindo a placa que exibia o desenho de um policial com revólver na mão e um jovem caído no chão com o título: "o genocídio da população negra".

Conforme se depreende das notícias veiculadas, a exposição fora aberta em celebração ao Dia Nacional da Consciência Negra, a ser comemorado hoje, 20 de novembro. E a referida exposição artística não era individual do ponto de vista autoral tendo sido devidamente autorizada pela Câmara Federal, exposta através do título: "(Re) existir no Brasil: Trajetórias Negras Brasileiras".

A exposição expõe um breve panorama da resistência dos negros na história do País, incluindo suas contribuições e conquistas, destacando a realidade de que os negros são as principais vítimas da ação letal das polícias e o perfil predominante da população prisional do Brasil.

A placa destruída com charge do cartunista Carlos Henrique Latuff de Sousa trazia além da imagem, dados do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) sobre a morte de jovens negros, denunciando o genocídio da população negra no Brasil com dados explícitos sobre a violência do ente estatal contra negros e negras.

Não podemos nos calar diante dessa manifestação, especialmente pela violação a livre expressão das atividades, intelectual, artística, científica e de comunicação, expressões estas garantidas constitucionalmente.

Enquanto em todo o mundo, hoje, se busca homenagear a história dos negros e negras temos o registro de um ato que

devemos repudiar, especialmente por registrar de forma incontestável a postura preconceituosa do Deputado Coronel Tadeu e tolerar esta intolerância estaremos sendo diretamente coniventes com o ato.

A atitude foi um desrespeito à história de lutas do povo negro. Um ato, sobretudo, "cego", já que praticado sob o argumento de não identificar o genocídio destacado na charge do artista Latuff.

Assim, diante dos fatos, na certeza da luta contínua pela democracia, pela igualdade racial e de acesso a direitos para todos, encaminhamos através desta Audiência Pública esta Moção de Repúdio que vai assinada pelos integrantes da Mesa, lideranças e personalidades presentes.

Plenário Deputada Lúcia Tereza, 20 de novembro de 2019.

O SR. LAZINHO DA FETAGRO (Presidente) - Isso, diretamente, coloco em apreciação e votação. Quem for favorável, por favor, levante a mão, se manifeste para que a gente possa encaminhar. Ok. Obrigado. Nós vamos, então, a partir de agora colher as assinaturas. Depois, o Antônio nos ajuda, para que a gente, ainda semana que vem, possa encaminhar isso ao Congresso Nacional.

Passo agora, antes de passar para continuar a Sessão Solene, eu gostaria de salientar que a nossa luta e a luta do povo brasileiro, a luta daqueles que entendem as nossas igualdades, porque é isso que a gente tem que fazer, é sobre isso que tem que lutar, a gente vive um período no mundo onde estão se tornando comuns atos racistas em estádios. Se vocês pegarem o noticiário de esportes, aqui e na Europa, vocês veem a quantidade de atos públicos de

manifestação racista. Já nos preocupa que não estão preocupados em esconder. Estão fazendo, cada vez mais, às claras aquilo que há muitos anos o povo brasileiro repudiou e lutou e repudia. O cidadão de bem deste País. Então é muito triste para nós convivermos com isso. E, aí, é importante que muitas vezes a gente se cala, a gente se acomoda. E é uma coisa que a gente não pode fazer nunca. A gente tem sempre que nos indignar com atos que venham a trazer a desigualdade. Não é isso? Então por isso essa Solenidade é importante para o Estado de Rondônia. Não é para mim, é para toda a comunidade, é para todo o Estado de Rondônia saber que existe esse problema e que a gente precisa enfrentar, e enfrentar com coragem para não deixarmos mais acontecer.

Nós vamos fazer da seguinte forma: nós vamos ouvir o Antônio, depois nós vamos passar para a Solenidade de entrega, nós vamos retornar para a Mesa e para ouvir algumas pessoas, manifestantes também que queiram se pronunciar.

Cadê nosso Mestre de Cerimônias para ir se preparando? Eu vou passar, então, para o Antônio, que é o Presidente do Conselho Estadual, para que ele possa se pronunciar.

O SR. JOSÉ CARLOS PAIM (Mestre de Cerimônia) - Neste momento o Senhor Antônio Neto, Presidente do Conselho Estadual da Promoção e Igualdade Racial - Cepir, por cinco minutos.

O SR. ANTÔNIO NETO - Boa tarde a todos. Eu estou muito feliz de estar aqui neste momento muito importante, neste dia. E agradecer a sensibilidade do Deputado, destacar aqui

a minha visita ao gabinete dele propondo esta Solenidade. Lembrando, Deputado, que essa solicitação foi feita através de discussões de vários movimentos, que daqui a pouco a gente pode citar, por causa do tempo.

A gente reuniu movimentos, a Universidade, o IFRO e outros, coletivos e, "Ah, vamos fazer uma homenagem". A gente sentou, reuniu, elencou os nomes - tinham muitos nomes, bastantes pessoas. A gente sabe que não tem como atender a todos. Mas lhe agradecendo a sua sensibilidade, do Presidente também, da Casa, os deputados que se atentaram em deferir essa reunião. É muito importante essa data de hoje.

Eu queria cumprimentar a Mesa em nome do Deputado e a todos que estão no plenário, eu queria cumprimentar em nome do meu amigo Everaldo Lins, Professor de Rolim de Moura, que se deslocou lá do município para vir aqui nessa homenagem, que será homenageado. Mas eu gostaria de fazer coro às palavras do Deputado quanto à Moção de Repúdio. É um momento de preocupação desse novo Governo Federal que está aí, que a gente até agora não sabe quais políticas públicas eles vão adotar para - eu que sou de Conselho - as políticas públicas sociais, ainda não se clareou o que eles realmente querem. O que a gente vê é um afogamento das políticas públicas, querendo cercear as políticas públicas. A gente tem que ser sincero em falar.

Eu estou até aqui estranhando a presença do Governo do Estado, que foi convidado, e eu não estou vendo representante do Governo, do Estado, que eu sei que foi chamado. A SEAS aqui, a SEAS, eu não estou vendo a Secretária que confirmou que vinha e não veio, a Secretária Adjunta, mas tudo bem.

Um momento de reflexão hoje, importante essa data, Deputado, de a gente ter conseguido esse espaço no dia 20, que é uma data simbólica e pública em nível de Brasil. É um momento de reflexão, de a gente trazer para este dia não só estas homenagens a estas pessoas que estão aqui pelo trabalho de luta em defesa da causa racial, seja no segmento que ela está, mas também de a gente debater, de a gente discutir, solicitar aqui políticas públicas, ações afirmativas em prol à comunidade negra do Estado de Rondônia. Lembrando que têm algumas solicitações que a gente já teve reunião com o Deputado sobre cotas, sobre feriados, cota no serviço público, 20%; feriado estadual, a gente também está conversando que eu já agora como Conselho estamos solicitando do Deputado, que a gente volte a discutir a implementação da Lei 11.645, o Deputado é Presidente da Comissão de Educação. Na gestão passada a gente fez uma Audiência Pública, reuniu com a SEDUC, tudo, mas ficou, mudou o governo. Então agora, Deputado, a gente vai voltar à tona, a educação, ela é a principal ferramenta para mudança dessas atitudes racistas que assolam o Brasil, principalmente o mundo.

Então, contamos com o apoio da Assembleia Legislativa, porque não está fácil o diálogo com esse Governo do Estado, com o Governo Federal, mas nós estamos aqui contando com o seu apoio, apoio da Assembleia Legislativa. E parabenizar todos que estão sendo homenageados. Infelizmente não teve como a gente homenagear mais pessoas, senão fica muito. Mas o ano que vem, Deputado, vai ter novamente e a gente vai atender a todos os nossos amigos que ficaram faltando para homenagear desta vez. Eu agradeço a todos e boa solenidade.

O SR. JOSÉ CARLOS PAIM (Mestre de Cerimônia) - Professor Marcos Teixeira da UNIR, com a palestra: "Ciclos de Povoamento da População Negra no Estado de Rondônia". Por 10 minutos.

O SR. MARCOS TEIXEIRA DOMINGOS TEIXEIRA - Boa tarde a todos, ao Deputado Lazinho que convocou esta Sessão. Boa tarde a toda Assembleia Legislativa do Estado. Boa tarde aos membros que compõem esta Mesa e que expressam em grande parte as lideranças e a resistência da população negra em Rondônia. É um prazer poder falar aqui a todos.

Em primeiro lugar, eu gostaria de falar que o 20 de novembro é um dia de reflexão, antes de ser um dia de apenas comemoração. Porque é um dia que deve nos trazer à memória imediata o sofrimento de mais de sete milhões de pessoas escravizadas que vieram diretamente para o Brasil, trazidos vergonhosamente em navios negreiros.

A violência do tráfico é tão grande que o último livro publicado agora sobre a escravidão, mostra que mesmo os tubarões do Atlântico mudaram o seu comportamento, acompanhando os navios negreiros porque se jogavam em média 14 corpos por dia de cada navio nas águas do Atlântico. Então, eles passaram a acompanhar os navios negreiros. Um comportamento que se manteve até o início do século XX.

Nós, em Rondônia, temos um povoamento negro diversificado e eu tenho que lembrar uma coisa. Nós falamos negros, mas hoje já é utilizada também a palavra "preto". E não há redução nisso, ao contrário, existe um pertencimento ao se falar em pretos também, não é só negro. O negro foi o termo utilizado pelos grupos combativos na década de 70 e 80. E aqui para poder falar da questão do povoamento negro, eu gostaria de lembrar que nós temos 04 eixos distintos de

povoamento negro em Rondônia. O primeiro eixo é formado pela população quilombola do Vale do Guaporé, essa é a população negra mais antiga do nosso Estado. E aqui eu quero homenagear, peço, por favor, à Professora Rosaria e aos quilombolas que fiquem de pé, eu quero homenagear a todos. Obrigado. E dizer do meu carinho e da minha amizade para com a população do Vale do Guaporé. Especialmente, eu gostaria de afirmar a situação trágica que continua vivendo a comunidade de Pedras Negras, num caso ímpar na história do país, quando 05 de seus membros foram presos por Decreto do delegado e do juiz, estão presos indefinidamente, sem julgamento e sem prova nenhuma; num claro ato coercitivo para se forçar a autoincriminação. Conhecemos as pessoas que estão lá encarceradas, estamos trabalhando junto com a CEPIR, e junto com NPJ pela libertação dessas pessoas, a Universidade, o Mestrado em Direitos Humanos, o Conselho Estadual da Promoção da Igualdade Racial e inclusive esta Casa, através da sua Comissão de Direitos Humanos, tem oferecido apoio e trabalho para que eles logo sejam libertados. E, aí, em especial eu gostaria de agradecer a Prefeita Lebrinha, a Prefeita Gislaine, porque é uma autoridade que tem dado apoio em tempo integral às comunidades, proporcionando uma residência no município de São Francisco para os quilombolas poderem se manter lá. Hoje nós temos 09 comunidades quilombolas reconhecidas ou em processo de reconhecimento. Mas elas eram muito mais há 40 anos. O processo migratório provocou um verdadeiro etnocídio nessas comunidades.

Nós temos que ressaltar também um segundo grande eixo de povoamento negro em Rondônia, que é um eixo disperso formado por diversos momentos da economia, que começa com a borracha, trazendo nordestinos. E aí a gente lembra; os nordestinos que vieram durante a guerra pela borracha. Vieram e foram agrupados em verdadeiros campos de

concentração, como foi o caso da Arigolândia. Desciam e já eram levados, conduzidos para lugares cercados e vigiados com armas. E lembramos também, que nessa segunda etapa da migração negra vem, talvez, a personagem mais interessante da história da negritude em Rondônia, que é a Mãe Esperança Rita, a fundadora dos cultos de matriz africana em Porto Velho. Mãe Esperança Rita foi a única voz feminina que se levantou contra o leilão ilegal promovido pelo Governo Hermes da Fonseca, em 1912, quando foram leiloados 400 negros da Chibata, da Revolta da Chibata, e 40 mulheres negras vendidas no Porto de Santo Antônio do Madeira para consórcios de rapazes dos seringais. Dona Esperança Rita, analfabeta, nordestina, macumbeira, foi à voz feminista daquele momento. A resistência não partiu de ninguém da elite, a resistência não partiu de ninguém letrado, não partiu de conservadores religiosos. A resistência, quando se fez, partiu de uma negra, sem alfabetização e fundadora do Axé de Porto Velho. Essas 40 mulheres terminaram resgatadas, as que não morreram. Ajudaram a fundar o bairro do Mocambo e fundaram, sem dúvida nenhuma, o Terreiro de Santa Bárbara. As primeiras famílias de Porto Velho descendem desse grupo. Não é à toa que o Mocambo, estando no coração da cidade, ainda é uma periferia, porque a sua história está ligada a marginalização dos grupos negros.

Situo um terceiro grande grupo que são os negros de origem antilhana, popularmente conhecidos como barbadianos, mas que não vieram apenas de Barbados. Vieram de diversas ilhas da América Central, de diversos países centro-americanos para trabalhar em grandes obras multinacionais pela Amazônia, no início do século XX. E aqui, especificamente, trabalharam na Madeira-Mamoré, e deixaram um legado ímpar na história. A população que nós chamamos barbadiana, a Professora Cledenice chama de população antilhana, é a primeira classe média negra do Brasil. Isso

é um orgulho, porque faz a gente ver que a questão é dar educação, dar letramento e oferecer oportunidade. Essa população se destacou ao longo da história de Porto Velho, servindo como médico, servindo como ferroviários, servindo como comerciantes, como enfermeiros, professores e aqui eu tenho a honra de ter duas professoras, que foram minhas professoras e que estão presente. Professora Úrsula e Professora Eunice. Ambas foram minhas professoras, trabalhei com elas também ao longo da vida e sei da dignidade dessas famílias.

Como quarto grande eixo desse povoamento negro, eu cito os migrantes desse momento, os haitianos. Que depois do terremoto de 2010 para 2011, migraram em número maciço para o Brasil. Às vezes, trazidos por coiotes preparados para lucrar com essa migração, mas colocados em situação vexatória e escandalosa no momento em que chegavam ao Brasil. Todo mundo se lembra do que aconteceu no Acre, todo mundo se lembra do que aconteceu na Amazonas. E se não nos lembramos do que aconteceu, passemos pela Avenida Jorge Teixeira e vejamos o que está acontecendo agora com os venezuelanos, para nós termos dimensão da vergonha que é a ausência de uma política pública consistente para acolher o migrante.

E nossa terra não está sendo invadida, nossa terra está passando por mais um processo migratório e o Brasil em outros momentos recebeu com pompas circunstâncias italianos, japoneses, alemães. O que temos a ficar triste, nesse momento, é a indignidade com que o Estado trata esses novos migrantes, que precisam de políticas públicas muito mais do que precisam de caridade. Essas pessoas podem vir e somar com todos nós, porque somos um Estado pluricultural, somos um Estado pluriétnico e a base da nossa sociedade é, pelo menos, teoricamente fundada na igualdade dos direitos.

Então, que Rondônia possa ser esse local de direito e de acolhimento, porque é essa é, por excelência, uma terra de migrantes. Se retirarmos a população original indígena, todos nós somos migrantes aqui em algum momento. E a maioria de nós não tem 4 gerações em Porto Velho.

Então, ao olharmos para o outro, nos vejamos também na situação de migrantes. Porque essa situação pode acontecer com cada um de nós. A Bolívia estava no estado de prosperidade há um mês, era um exemplo citado pelo capitalismo como um exemplo de sucesso. A Bolívia hoje é um local de êxodo, de saída, de perseguição e de morte. Esse horror que está varrendo a América Latina é cíclico. Já aconteceu outras vezes e nada impede de que aconteça com a gente também.

Então, que o exemplo possa nos servir, porque é necessário fraternidade e é necessário nos colocarmos no lugar do outro para entendermos as dificuldades desse momento. Eu parablenizo a toda sociedade de Porto Velho, em especial parablenizo esta Casa, parablenizo aPrefeita pelo acolhimento aos quilombolas. Rosária, toda a equipe de Pedras Negras e Santo Antônio, e digo: vamos viver um bom Dia da Consciência Negra. Mas viver esse bom dia na certeza de que é um dia de reflexão e de preparo para lutas que não se acabam com o tempo. Que a gente não tenha que assistir mais a atitudes como a do Coronel Tadeu, no Congresso Nacional, e que agente saiba que 35% dos assassinatos mundiais ocorrem apenas em dois países: o Brasil, que lidera, com mais de 40% desses 35%, e a Nigéria. E não é à toa que os dois países são interligados. São as duas maiores populações negras do mundo. Nigéria atuou como um local de envio e remessa de escravizados para o Brasil. O Brasil, como porto de recepção desses escravizadas. Foi o mercado de escravos criado pelos brancos da Europa, pelos

norte-americanos, que produziu esse estado de violência nesta sociedade. Não somos originalmente um povo violento. E muito diferente do que falou o Deputado no Rio de Janeiro, não há mais violência contra o negro porque o negro é mais violento. De forma alguma! A violência contra o negro é um dado histórico no País e é um dado para a manutenção do poder branco. Que a gente possa refletir sobre isso e exigir, em todos os momentos, a igualdade de direitos, a equiparação de deveres e a total liberdade de consciência e de pertencimento. Que a gente possa fazer valer a nossa memória afrodescendente, a nossa memória indígena, de todas as formas possíveis. Lembrando que este País dá mais valor à lavagem de carros do Congresso Nacional do que à verba para o Museu Nacional. A verba do Congresso para lavar carros de parlamentares é maior do que toda a verba do Museu Nacional, que incendiou e não foi recuperado. É triste pensarmos que uma grande família milionária doa R\$ 8 milhões para a reconstrução da Notre Dame, mas não doa R\$ 8,00 para a reconstrução do museu. Então, nossa memória se afunda nisso. E se nós não conseguimos ter memória, nós não temos pertencimento algum. Viramos essa sociedade sem saber para onde ir. E que suporta tudo e que acha que tudo é possível. Não a todas as formas de autoritarismo! Não a todas as formas de racismo! Não a todas as formas de exclusão! Liberdade para os amigos de Pedras Negras. Queremos Justiça, sim. Mas não queremos esse tipo arbitrário de encarceramento, que leva somente à autoincriminação por esgotamento psíquico e total ausência de ajuda judiciária. Muito obrigado.

O SR. LAZINHO DA FETAGRO (Presidente) - Muito obrigado, Professor. Nós fizemos uma pequena mudança. Nós vamos ouvir da Mesa aqueles que não serão homenageados.

Depois da homenagem, nós vamos ouvir os homenageados,ok? Por isso, eu chamo... Não serão agora, ou nesta, não é? A gente assume aqui o compromisso de, junto com o Conselho, já nos organizarmos para o próximo ano.

Chamar então a senhora Lionilda Simão, que é a Presidente do Sintero, para fazer uso da palavra.

A SRA. LIONILDA SIMÃO - Obrigada. Cumprimentar toda a Mesa, em nome do Deputado Lazinho. E em nome da nossa guerreira Ana Maria Ramos, cumprimentar todos os presentes neste auditório.

Rapidamente, eu acho que a palavra tem que ser reservada aos homenageados, mas eu quero parabenizar, mais uma vez, o Deputado Lazinho, que tem trazido para esta Casa várias discussões que envolvem a sociedade, a sociedade que mais precisa, que precisa estar nas discussões para que a nossa sociedade avance.

E, mais uma vez, Deputado Lazinho, parabéns por essa temática de valorização, de reconhecimento ao povo negro. É muito difícil fazer essa discussão, porque não há um reconhecimento pela sociedade brasileira de que realmente tem que tratar a sociedade negra de forma diferente. Porquê? É porque ela é melhor? É porque ela é mais importante? É porque nós passamos por um processo muito difícil e muito longo, que foi muito bem narrado aqui pelo Professor Marcos Teixeira. E, nesse contexto, não tem como tratar o desigual como igual. É uma questão de equidade. Se a gente quer uma sociedade mais justa, se a gente quer uma sociedade onde as pessoas sejam realmente reconhecidas como cidadãs, nós temos que fazer justiça com a população negra. E os dados não mentem.

Eu gostaria de falar sobre um dado recente. Como nós somos da Educação, enquanto professores, nos chamou muito a atenção: isso tem muito a ver com a política adotada pelo governo social que nós tivemos aí por algum tempo no poder. Foi o resultado de que saiu das universidades, no ano de 2019, um percentual de mais de 50% de negros, de população negra, de afrodescendentes. Por quê? Porque foi dada a condição, essa condição que eu falo aí de tratar o desigual com desigualdade, porque tem que ser, uma questão de equidade. Isso proporcionou para que os negros mostrassem neste País que, quando são dadas as oportunidades, nós podemos dar resposta e resposta satisfatória. Mas, contrariando isso, saiu também a pesquisa de que mesmo acontecendo isso, a maior parte dos jovens que saem das universidades, que estão desempregados, ainda são de negros. Então, muito tem que se fazer. Muito tem que se fazer, Deputado. E o que foi colocado aqui pelo Presidente do Conselho Estadual de Igualdade Racial tem que ser discutido nesta Casa de Leis.

Gostaria também, que é outra preocupação, nós enquanto trabalhadores em Educação, nós somos um Sindicato da Educação, dentro da nossa Secretaria nós temos a Secretaria de Gênero e Etnia, temos aqui a nossa companheira que será homenageada, Rosa Negra, que faz um trabalho extraordinário, mas nós temos muitas preocupações. Uma das preocupações com o governo atual e o anterior que apresentou um projeto de BNCC. O Projeto de BNCC, que é a Base Nacional Comum Curricular, tira a obrigatoriedade das disciplinas de Sociologia, Filosofia e História. E nós temos uma preocupação muito grande. Nós sabemos que vamos ter que atuar dentro das escolas para que a gente não deixe isso acontecer, que cada escola, cada unidade escolar deixe em seu currículo, principalmente, a disciplina de História.

Porque é lá que dá visibilidade ao sofrimento, à história do negro e que se reflete toda história no momento atual.

Então, nós vimos aí uma reforma do ensino médio, uma Base Nacional Comum Curricular que está aí a serviço do mercado financeiro, onde o objetivo é para preparar a mão de obra barata. E, por isso, nós sabemos que a nossa atuação nesse momento tem que ser uma atuação voltada para o que eles dizem que é minoria, porque nós não somos minoria. A maior parte da população brasileira é formada com mais de 50% da população negra.

E eu quero aqui, eu tenho que fazer justiça, eu acho que você está de parabéns pela homenagem prestada e se hoje nós, os negros que estão ocupando um espaço na sociedade, nós temos que agradecer muito a coragem de companheiros como a Ana Maria; nós temos que agradecer muito a coragem do nosso companheiro Orlando, que está ali presente, enfim, não dá para citar. Eu gostaria aqui também de, neste momento, citar a minha irmã, que é fruto do movimento negro, que está sentada aqui, que vai ser homenageada, Penha Simão, minha prima Rosa Negra que está aqui hoje, será homenageada pelo trabalho que faz na Educação. E agradecer pela coragem desse povo guerreiro dos movimentos negros, têm muitos aqui que foi na década de 80, após nós sairmos de uma ditadura militar que deram voz ao povo negro. E eu sou fruto do movimento negro. Aos 14 anos, a convite da Ana Maria, da minha irmã que começou a militar junto com a Ana Maria no grupo do Movimento Negro União e Consciência Negra no Estado, no interior do Estado de Rondônia, que nós pudemos desenvolver um trabalho em defesa do povo negro aqui no Estado. Então eu sou muito agradecida, Ana Maria. O que eu sou hoje é graças aquele trabalho de formiguinha que foi feito lá na década de 80, quando eu era apenas uma adolescente e que eu consegui me

valorizar enquanto povo, enquanto população, enquanto ser humano e, principalmente, enquanto mulher negra. Muito obrigada.

O SR. LAZINHO DA FETAGRO (Presidente) - Muito obrigado. Uma família, não de autoridades, mas de lideranças, a família toda. Parabéns.

Só lembrando, Presidente Lionilda, que o negro depois que sai da faculdade, que hoje a gente pode falar, nós somos mais de 50%, dada as políticas apresentadas nos últimos anos. Mas o negro depois de formado, quando ele sai, comparar o branco e o negro, os seus salários, a média do branco é de R\$ 2.760, a média do negro é de R\$ 1.680. Com o mesmo curso, com a mesma capacitação, com a mesma experiência, mas lá no fundo ainda se discrimina. E o pior ainda é muita gente falar que isso não é discriminação. É triste de você ouvir, "Não, isso não, isso não existe." Enquanto isso não existe, nós estamos aí passando vergonha.

Chamar agora o Professor Mestre Uilian Nogueira Lima. É porque eu estava vendo aqui, mas do jeito que está aqui é com "U". Vai lá Uilian.

O SR. UILIAN NOGUEIRA LIMA - Boa tarde a todos. Aqui a gente está com as maiores, melhores, lideranças do Movimento Negro, nesses últimos trinta anos. E também os alunos do IFRO, que a gente tem aí mais de sete mil alunos presenciais, não é isso? Gilmar, que é o nosso Pró-Reitor de pesquisa e hoje está representando o Magnífico Reitor que está em Brasília até sexta-feira. E, o que é que acontece? Neste momento de terra plana, neste momento de vitimismo, a gente está dizendo, discordando dessas ideias

que estão em voga - não é, Deputado Lazinho? Parabéns pela intenção, pelo ato, 20 de novembro, mais uma vez a gente diz não a indiferença. A indiferença de 130 anos. O Brasil deixou, foi o último País; Cuba, Estados Unidos e Rússia e o Brasil conseguiu arrastar por mais 20 anos a Abolição. E mesmo assim, os Senadores e os Deputados não queriam aprovar a Abolição. Durante trinta anos, o Movimento da Abolição ganhou as ruas, ganhou primeiro a classe média, depois os escritores, quando ganhou os padres encheu a rua, mas mesmo assim os Senadores queriam que a Abolição fosse para 1922, olha aí, cinquenta anos a mais. Aí o Movimento Negro, André Rebouças, José do Patrocínio, Joaquim Nabuco, deram uma cartada, a carta final que foi usada a religião da Princesa Isabel. Mas mesmo assim, de 23 artigos, o Projeto de Lei virou só dois: "Está extinta a escravidão no Brasil. 13 de maio de 1888". O último País do ocidente a fazer isto e o último País a ter leis e políticas públicas para a sociedade, para esse grupo. 56% da sociedade brasileira é negra, mas existem 230 modos de não dizer que é negro: moreno jambo, canela. Há, pelo IBGE, a pesquisa que mostra lá, apenas 6% se declara negra. Isso aumentou, dobrou na última década, que eram apenas 3, não é? Chegam a 6 e a 8, então, a gente sabe da importância das políticas públicas para a população negra. Não tem como resolver esta questão, se não for através do Estado e a questão racial é uma questão de Estado. Claro que sempre foi a esquerda que colocou isso em pauta, Abdias do Nascimento, do PDT, Senador do PDT, o primeiro a falar em cota no Brasil; Leila Gonzáles para falar das mulheres e o Deputado Pedro Aral Kaôque aprova a lei, que consegue colocar os atos, dispões transitórios na Constituição, o 67 que é a demarcação das terras de remanescentes de quilombo e a partir de 2000 a gente tem aí uma luta que foi a 10.639 que é, que torna obrigatório o estudo da história e da cultura afro. A gente

tornou o negro invisível, mas o negro sobreviveu. As populações negras do Atlântico, o negro, conseguiram sobreviver à opressão, a repressão, e a invisibilidade, esta é a mais forte. Todos querem dizer que o Brasil é um País sem racismo, uma falsa, um mito da democracia racial, mas não é. O Brasil tem a maior população de negros fora da África. Salvador é a maior cidade negra do mundo, depois de Lagos, a capital da Nigéria, certo? E aí, a gente precisa fazer da questão racial, uma questão de Estado, não é uma questão de setores. A gente tem que lutar para colocar o negro na Universidade e foram só as cotas que colocaram aproximadamente 214 mil negros na Universidade, mas ainda não são engenheiros, médicos, advogados, ainda não estão naquilo que a gente chama de curso de elite, certo? Então a gente tem um longo caminho e é uma luta de todos. De 20 de novembro, Zumbi dos Palmares venceu os portugueses, venceu os holandeses, venceu os pernambucanos, só não venceu os bandeirantes, perdeu para os bandeirantes, mas depois de cem anos. E a luta de Zumbi continua com a gente, continua com cabeça de negro, com os quilombolas de Santa Fé e Pedras Negras e Santo Antônio do Guaporé (vou me esquecer de alguma), Forte Príncipe da Beira; Santa Cruz; Laranjeiras e esse Movimento das Mulheres que aqui estão em Porto Velho, formando coletivos, falando sobre a história no plural. É um perigo ter uma história única, como diz uma escritora africana (que eu não vou lembrar o nome agora): "Devemos dizer 'não' à história única", temos histórias plurais. A história do negro precisa ser divulgada e escrita neste País que recebeu 6 milhões de escravos, não é?

O Valongo foi o maior porto de escravos das Américas. E aí, a gente colocou debaixo do tapete, não é? Não conseguiu resolver. Os americanos também não conseguiram,

mas conseguiram estabelecer políticas públicas a partir dos anos 60, e a gente, na Década de 2000, e 90.

Então a gente precisa refletir. É claro, é um dia de alegria e um dia de tristeza, não é? A gente precisa falar sobre isso, colocar o problema na sala. Geralmente o brasileiro gosta de colocar no sótão ou bem longe da sala de estar, os seus problemas.

Agradeço ao Deputado por este..., o Antônio Neto teve essa ideia, e aí temos aí, ainda, a Lei das Cotas para o serviço público. A gente tem, também, o dia 20 como feriado, que algumas capitais têm; Porto Velho segue o índice do Brasil, tem 54% a 50% da população negra, não é? Então a gente precisa refletir sobre isso. E viva Zumbi! E Viva Abdias do Nascimento! A Benedita, que é a única Governadora do Rio que não está presa; e todos aqueles que deram a sua vida pela cultura afro.

O SR. LAZINHO DA FETAGRO (Presidente) - Obrigado, Professor. Eu não tenho, não tenho assim formação, me formei no segundo grau, como dizia antigamente (também não foi tanto tempo assim). Esses tempos atrás, quando fazia - lembra? -, fazia 3 anos em 1 ano e meio. Então essa é a minha formação.

Mas é muito triste, depois que você vai aprendendo a vida do dia a dia, você pegar os livros de História do Brasil e ver quanta coisa falsa, quanto fakenews, como a gente fala agora, que tem nos livros de História, não é?

A grande libertadora brasileira chama-se Princesa Isabel, não é? Nos livros de História é isso. A gente aprende de criança é isso. Não é isso? Eram os heróis, não é? Então, a gente vai precisar de mais 500 anos para

reverter essa história e contar a história verdadeira do Brasil, não é? Ninguém conta a luta dos negros, ninguém conta que a libertação foi por causa dessa luta, ninguém conta que o branco e a elite tinham a necessidade de fazer isso, não é? A elite brasileira, porque se não fizesse, também, internacionalmente não seria nem respeitado mais no País. Então um monte de coisa, não é isso? Mas em um espaço onde, antes de passar a palavra, no espaço onde nós precisamos fazer as mudanças, que é dentro da política, num País democrático, é assim que a gente vive. Nós, apenas um terço dos candidatos que se propõem, das pessoas que se propõem a sair candidatos, são negros. Um terço, de todos. E aí, por isso a dificuldade que a gente tem de fazer chegarem às políticas públicas.

Eu, me passaram aqui, o Roberto, o Roberto Sobrinho me passou esses dados, (não vou ler para não tomar tempo), mas é absurdo você ver 10 candidatos a Presidente; 10! E 01 negro. Um preto. Não é? Você vê Vice-Presidente: 08; 01 pardo e 01 preto. Os outros, brancos. Aí você soma a quantidade de deputados, de governadores... É absurda a desigualdade que tem nesse espaço. E nós só vamos fazer essas mudanças que precisa fazer, quando nós ocuparmos esse espaço. A mesma coisa se refere com relação às mulheres. Só vai acontecer quando tiver alcançado isso. Então acho que é um desafio. Eu, em nosso mandato, nós temos feito, sim, a Presidente Lionilda falou, algumas... Algumas não; as Audiências Públicas que a gente faz ou Sessões Solenes é justamente para tentar lembrar aqueles que são esquecidos. Sempre foi assim nos quatro primeiros anos e está sendo agora e vai ser até o final que a gente estiver por aqui tentar lembrardaquilo que o povo, no geral, esquece, não é?

Eu quero passar então para o último, para o último antes da entrega, para a Professora Dra. Marcelle Regina Nogueira, da UNIR.

A SRA. MARCELE REGINA NOGUEIRA PEREIRA - Obrigada. Boa tarde para todas e para todos os presentes nesta tarde tão significativa para todos nós. Quero parabenizar a Mesa, na figura do Deputado Lazinho, e agradecer em nome de toda Universidade também, a oportunidade desse convite para estar aqui representando a Universidade Federal de Rondônia. E quero em nome da Professora Eunice Johnson, Professora Aposentada da Universidade Federal de Rondônia, cumprimentar a todos vocês aqui presentes nesta tarde.

Eu quero ressaltar a alegria de poder estar ao lado da Professora Eunice, e contar para vocês uma coisa que aconteceu aqui agora, e que me encheu de orgulho ainda mais. A professora Eunice, ao ser identificada como Senhora Eunice Johnson, fez um pedido ao Cerimonial, que substituísse a palavra senhora, pela Professora, ou seja, um ato muito simbólico, que a todos nós enche de orgulho especialmente da Universidade a qual ela ajudou a formar tantas pessoas. Porque eu acho que antes de qualquer coisa, nós temos lugar no mundo e esse lugar que nós representamos no mundo precisa vir realmente à frente de qualquer coisa, e ser professor nos dias de hoje, ainda mais importante. Então, eu quero em nome dela agradecer a presença de vocês e gostaria de, alguma forma, dizer da alegria que sinto também de ter sido, ter ouvido a Lionilda, nesta Mesa, e me sentir plenamente representada por suas palavras, e saber da força que é ter uma mulher negra dizendo e falando sobre educação com essa propriedade e chamando atenção para aspectos tão importantes. Então, ao invés de dizer coisas novas, quero apenas reforçar o que foi dito aqui pela

Lionilda, que faço dela as minhas palavras. E queria dizer imensamente do prazer que é estar numa cerimônia como esta, que homenageia figuras que estão a tanto tempo batalhado pela história do Movimento Negro do nosso Estado. Quero também agradecer a presença da Professora Maria das Graças Silva, que está ali, Professora da Universidade Federal de Rondônia, obrigada pela sua presença. Também dizer do orgulho que é ter o Professor Marcos Teixeira, que é da nossa casa da Universidade também, enchendo a todos nós aí de conhecimentos que muitas vezes não temos a oportunidade de dialogar e de falar sobre, e são aspectos tão importantes que ajudam de certa forma, Deputado Lazinho, para que esta Casa é claro que a iniciativa é muito importante desta homenagem, mas que a gente possa também vir aqui mais vezes, exatamente para defender políticas públicas e uma legislatura que possa atuar em benefício das pautas tão significativas e tão importantes e necessárias, que o Movimento Negro e que a pauta negra atualmente exige. Nós estamos morrendo mais, nós estamos necessariamente precisando de atenção e de ouvidos para que a nossa voz possa ecoar em Leis, para que os nossos direitos possam ser respeitados. Porque quando se fala de uma atitude tão desonesta e que pode de alguma forma ser considerada um crime onde nosso Senado, o nosso Congresso faz o que fez com relação à charge, como foi dito pelo senhor no início desta solenidade, este é um momento político que exige de nós acima de qualquer coisa um posicionamento cada vez mais radical. Não há tempo mais, não nos resta mais tempo apenas para que a gente possa exercitar os nossos momentos de solenidade e de homenagem por mais importante que eles sejam. É importante também que nós possamos, e fica aqui também os meus parabéns e o agradecimento pela Moção que todos nós vamos poder assinar, para que tenhamos atitudes cada vez mais diretas de enfrentamento, porque a gente está

morrendo, a sociedade, a comunidade negra, pobre, periférica está morrendo e a gente está morrendo todo dia, e nós estamos sendo desrespeitados todo dia. Nós mulheres somos à base de uma pirâmide social que sustenta este País, e são as mulheres negras e pobres. E que hoje esse auditório, por exemplo, não está lotado, exatamente porque estamos todas trabalhando, muitos de nós não estão aqui, porque estão trabalhando - não é, Silvestre? Falávamos disso ainda pouco.

Então, este tipo de momento político, de ato político e simbólico que a sua presença e que a sua atitude nos honra, faz também com que a gente possa refletir sobre a necessidade de legislar mais em benefício de políticas públicas que possam nos salvar. Nos salvar da morte e que possam garantir também que sejamos cada vez mais ouvidos, respeitados e que a gente possa de alguma forma contribuir para uma sociedade mais equitativa, não igualitária, equitativa. Porque não adianta só sermos considerados iguais, precisamos ter sim condições iguais para nos mantermos sempre e cada vez mais em defesa da nossa vida, porque o que está em jogo aqui, não é representatividade apenas, é sim, mas, também direito a vida, porque com a morte, não se brinca, e nós estamos morrendo. Nós estamos sendo assassinados simbolicamente por falta de políticas públicas que nos apoiem e também efetivamente à quantidade de jovens aí que morrem todo o dia e de mulheres que passam a sua vida inteira batalhando para sustentar seus filhos e morrem em idade ainda jovem, exatamente por conta dos trabalhos cada vez mais braçais e cada vez mais sem oportunidades.

Então, em nome da Universidade Federal de Rondônia, eu clamo aqui a todos vocês e obviamente na presença do nosso Deputado que a gente possa exercer mais o nosso dever

cívico que é de legislar por nossas vidas e também para manter cada vez mais a nossa sociedade de forma equitativa, digna e valorizando a paz acima de tudo. Muito obrigada.

O SR. LAZINHO DA FETAGRO (Presidente) - Muito obrigado, Professora. Eu quero, antes de passar ao Cerimonial, mandar aqui em nome do Antônio, de todo o Conselho, de todos nós que estamos aqui, um abraço, uma saudação especial a todos aqueles que nos assistem pela internet, os alunos do Vale do Guaporé, que estão aqui presentes e os que estão fora daqui; Santo Antônio de Pedras Negras; os alunos do IFRO, que estão aqui, outros que estão nos assistindo fora. Então, deixar aqui a toda comunidade que nos assiste fora da Assembleia um grande abraço.

Passo então, agora, ao nosso Mestre de Cerimônias para continuarmos os trabalhos aqui na Casa.

O SR. JOSÉ CARLOS PAIM (Mestre de Cerimônias) - Agradecemos a presença da Professora Maria das Graças Nascimento, que é Coordenadora do Grupo de Pesquisa - GEP/Gênero da UNIR; a Vereadora Joelna Holder, da Câmara Municipal de Porto Velho. E temos um aviso aqui aos senhores e senhoras que acontecerá dia 22.11, sexta-feira, às 17h00 a Feira Afrocultural, no Mercado Cultural de Porto Velho.

Neste momento nós passaremos à apresentação de um vídeo do Projeto Reconhecendo a Amazônia Negra, da artista Marcela Bonfim.

O SR. LAZINHO DA FETAGRO (Presidente) - Antes de fazer a apresentação nós estaremos encerrando esta Audiência Pública lá no espaço onde está sendo, pela primeira vez na história da Assembleia Legislativa, exposto, sendo expostas as fotos, o trabalho artístico da nossa grande artista aqui do nosso Estado.

(Apresentação de Vídeo)

O SR. JOSÉ CARLOS PAIM (Mestre de Cerimônias) - Neste momento acontecerá o ato de maior importância desta Sessão Solene, o Senhor Deputado Lazinho da Fetagro fará a entrega de Voto de Louvor às personalidades que contribuíram com a luta e o avanço da igualdade racial no Estado de Rondônia.

Pedimos, por gentileza, que o Excelentíssimo Senhor Deputado deixe o dispositivo, fique à frente para que nós possamos proceder à entrega de Voto de Louvor para os homenageados.

(Momento da entrega dos Votos de Louvor)

Dando início a homenagem, nós convidamos o Senhor Adaídes Batista dos Santos. Neste ato o Senhor Adaídes Batista dos Santos recebe, também, o Voto de Louvor de Jorge Batista dos Santos.

Excelentíssimo Senhor Amaury Antônio Ribeiro de Arruda, Vice-Prefeito de Costa Marques. É pai da nossa cerimonialista, viu? Fiquei sabendo agora, também.

Convidamos também a Senhora Ana Maria Ramos. Uma salva de palmas, Senhora Ana Maria Ramos.

Convidamos ainda Aulenilda Lopes de Oliveira;

Senhora Cledenice Blackman;

Elvis Cayaduro Pessoa;

Senhora Eunice Luíza Johnson Batista. Professora
Eunice Luíza Johnson Batista;

Everaldo Lins de Santana;

Francisco das Chagas Silva. Nosso querido professor
Chiquinho;

Convidamos ainda a Excelentíssima Senhora Prefeita do
Município de São Francisco do Guaporé Gislaine Clemente,
Lebrinha;

Professora Jamyle Vanessa Costa Brasil;

Jesué Johnson;

João Carlos Fernandes Alves. (Maracanã);

José Francisco Pereira da Silva;

Convidamos Dom Lauro, que é amigo da Marcela Fernandes
da Silva Bonfim, para receber o Voto de Louvor da Marcela;

Professor Marco Antônio Domingues Teixeira;

Maria da Penha de Souza Menezes;

Marinilde Helena da Silva Santos;

Orlando Francisco de Souza;

Oscar Dias Knightz;

Para receber seu Voto de Louvor, Rosa Negra. Senhora
Rosenilda Ferreira da Silva, Rosa Negra;

Senhora Ana Lúcia, que é filha da Sandra Regina Nunes
dos Santos. Receberá em nome de Sandra Regina. Senhorita,

não é? Em nome de Sandra Regina Nunes dos Santos, que é a sua mãe;

Silvestre Antônio Gomes dos Santos. (Ogã Silvestre);

Professora Úrsula Depeiza Maloney. Convidamos o Deputado para que possa fazer a entrega aqui embaixo a Senhora Úrsula Depeiza Maloney;

Convidamos, ainda, William dos Santos Ramos Coimbra.

Enquanto o Deputado faz a entrega, nós convidamos a artista, cantora, nossa amiga, Iná, com a música Capoeira.

(Registro dos homenageados, em foto)

Convidamos ainda todos os homenageados para que se ponham à frente para a gente poder fazer a foto oficial juntamente com o Deputado. Todos os homenageados, por favor, enquanto a Iná canta com sua belíssima voz, façam por favor a foto oficial com o Deputado. Os que puderem subir, os demais podem se posicionar na frente da plataforma.

A SRA. INÁ - Bom, eu vou convidar a todos. Antes de tudo, boa tarde. É um prazer estar por aqui com todos vocês. O meu padrinho disse assim: "é minha afilhada". Eu sou tua afilhada. Bom, gente, eu vou convidar todos para participar. Não estava programado, vamos fazer aqui à capela. Quem quiser participar nas palmas.

(Apresentação de Canto Capoeira)

O SR. LAZINHO DA FETAGRO (Presidente) - Terminou ainda não - viu gente? -, vamos sentando. No finalzinho, no final de tudo vai ter ali no fundo o que eu chamo lá na roça de merenda. Aqui eles falam uma palavra complicada Klosinski, Nereu; coffee break, custou para mim saber que trem era esse. Aí eu falei, não eu vou falar em merenda porque lá na roça eu sei que é merenda.

O SR. JOSÉ CARLOS PAIM (Mestre de Cerimônias) - Senhoras e Senhores, pedimos a todos que tomem assento em seus lugares para darmos início ao encerramento da solenidade.

O SR. LAZINHO DA FETAGRO (Presidente) - Vamos sentar. Depois nós tiramos as fotos, gente.

O SR. JOSÉ CARLOS PAIM (Mestre de Cerimônias) - Teremos tempo na exposição, no coffee break para as fotos e pedimos aos senhores que tomem assento e já passamos, neste momento, a palavra ao Presidente, para que ele possa então dirigir a palavra aos seus homenageados. Senhoras e senhores, por favor, tomem assentos em seus lugares para que possamos dar início ao encerramento desta solenidade. Os senhores que estavam à Mesa de autoridade, favor retornar aos seus lugares e também os nossos convidados. Muito obrigado.

O SR. LAZINHO DA FETAGRO (Presidente) - Desculpa, é que a minha namorada de 40 anos estava me ligando e quando

ela liga, eu gosto de atender, independente de onde eu estiver.

Eu passo então a palavra agora para os homenageados. Nós vamos, nós vamos assim, dinamicamente, passar três minutos para cada um, para gente ouvir também aqui, já me pediram a palavra por dois minutos; aí inscreve, Vera, quem estiver ali.

E eu chamo a Professora Mestre aposentada da UNIR, Eunice Johnson para fazer uso da palavra.

A SRA. EUNICE LUÍZA JOHNSON BATISTA - Eu vou pedir permissão da Mesa para ficar sentada.

O SR. LAZINHO DA FETAGRO (Presidente) - Tranquilo.

A SRA. EUNICE LUÍZA JOHNSON BATISTA - Senhor deputado, foi um prazer enorme termos no dia de hoje, que é um dia que muitos falaram como um dia de reflexão e durante esse tempo eu fiquei aqui exatamente refletindo sobre essa reflexão. Seria um dia de reflexão, se nós todos estivéssemos inteirados do que é, do que há de ser. O nosso grande mestre Paulo Freire já falava que o negro nasce proibido de ser inteligente e depois a escola homologa essa proibição. Então, aí já não cabe uma reflexão, caberia uma mudança radical em todos os sistemas.

Meus queridos senhores e minhas senhoras aqui presentes, os quilombolas que eu amo demais, esqueceram e deixaram de falar, deixaram de citar o quilombo lá do São Miguel do Guaporé, o Quilombo Bom Jesus, onde nós tivemos aulas lá da Universidade. Eu quero dizer para vocês, são

usados dez minutos, não é? Cinco? Então, já. Sempre foi preocupação de todos os estadistas e os pensadores essa questão do negro, não só no Brasil, mas em todo mundo. Nelson Mandela, Martin Luther King, todos preocupados com essa questão, exatamente porque nós não nos assenhoreamos do reconhecimento de sermos negros e quando perguntam, alguns dizem: sou mulato, sou pardo, sou não sei o quê. Isso não é cor; é negro, é negro mesmo. Eu gosto muito do meu irmão ali, que era o defensor do Movimento Cabeça de Negro, que foi um grande trabalho, que acontecia ali nas escadarias da Unir Centro, que fazia tremer esse da cidade. É isso que nós precisamos.

Nós precisamos saber dizer o que nós somos e por que nós somos. Nós somos negros? Somos, graças a Deus. Obrigada.

O SR. LAZINHO DA FETAGRO (Presidente) - Obrigado, Professora. Passo agora para o senhor Ogã Silvestre, para fazer o uso da palavra, representando aqui a Fecauber.

O SR. SILVESTRE ANTÔNIO GOMES DOS SANTOS - Fecauber - Federação dos Cultos Afro Religiosos Umbanda e Ameríndios do Estado de Rondônia.

O SR. LAZINHO DA FETAGRO (Presidente) - Beleza.

O SR. SILVESTRE ANTÔNIO GOMES DOS SANTOS - Primeiro quero agradecer, Deputado, por esta Solenidade - eu estou com um problema na garganta - e, Deputado, já fazer uma cobrança. Porque a Lei do feriado ela existe, mas é facultativo nos Estados. Eu espero que o senhor lute, para

que esse dia do feriado 'Dia da Consciência Negra' também seja feriado aqui nossa Capital, de preferência no nosso Estado. Eu quero, em nome de minha mãe Edite- sua bênção minha mãe -, parabenizar a todos que aqui estão. Sou negro e de religiões de matriz africana. A religião original do negro foi os voduns, inquices e orixás, sua religião originária, seu credo originário. Ele não chegou aqui cristianizado, ele chegou aqui trazendo a sua cultura e a sua religião. E hoje, quando um deputado entra, um coronel entra numa Casa de Lei e quebra, e dá essa repercussão, e os terreiros que são invadidos todos os dias e não têm essa repercussão? Todos os dias acontecem essas atrocidades com nossa comunidade, com nossas crianças nas escolas, onde tem uma lei chamada Lei 10.639, que torna obrigatório o ensino da cultura afro-brasileira e africana. E não tem como falar dessa cultura sem falar de orixá, sem falar de inquice, sem falar de vodum, e um monte de professores extremamente intolerantes religiosos. Como lidar com isso, Deputado? Senão há um trabalho de combate à intolerância, senão há um sino ao combate de combate ao racismo agora, imagina de intolerância religiosa? Se nós somos um estado laico, não é isso? E não é porque é uma questão; Rondônia, 90% dos terreiros de Rondônia não são dos frequentadores de terreiros do nosso Estado, não são negros, são brancos. Os terreiros de Rondônia são atípicos das outras regiões, porque são - a maioria da sua comunidade são pessoas brancas -, mas mesmo assim sofrem preconceito, porque é uma religião originária do negro. E piora quando vê negro intolerante. Quando vê um negro intolerante, não importa a sua religião ou o seu crêdulo, a sua matriz, a sua ancestralidade é o inquice, vodum e orixá. Por mais que tenham lhe negado isso a qualquer negro, transformando ele em um ser preconceituoso e intolerante. Não se pode falar do dia 20 de novembro, do dia 20 de novembro, do dia do Zumbi dos

Palmares, sem falar de religião de matriz africana. Enquanto nós não aceitarmos que religião não se discute, não se discrimina, não tem como combater o racismo se a sua religião originária é inquice, vodum e orixá. Muito obrigado.

O SR. LAZINHO DA FETAGRO (Presidente) - Obrigado, meu amigo Silvestre. Passo a palavra então para a Senhora Ana Maria Ramos fazer uso da palavra.

A SRA. ANA MARIA RAMOS - Acho que eu começo pensando que - tem que falar boa tarde logo -, mas que é uma alegria muito grande. Eu estava pensando aqui em 1980, tem um bocado de gente que acompanhou aqui. Eu vim de São Paulo, mas quando eu cheguei de São Paulo aqui, já tinha Instituto de Defesa e Cidadania do Negro - isso aqui em Porto Velho - algumas casas, - quer dizer, a gente veio com o Grucon, mas já tinha outro grupo -, e o Cabeça de Negro que a Professora falou, que é irmão dela, não é? E hoje vendo assim - era meio da semana, já muita gente saiu e entrou -, é uma resposta ao trabalho. O que conseguimos, o espaço que a gente conseguiu, as políticas, muita coisa, e muita coisa que com esse Governo a gente está perdendo. Mas não podemos deixar perder o que nós conseguimos: saúde, educação - é que são 3 minutos, não dá para esticar muito - mas nós temos que lembrar o que conseguimos, segurar na mão e continuar batalhando. Para isso que a gente tem. Não podemos perder. Porque só o fato de, hoje, a gente ter o Conselho, ter esse grupo, de estar comemorando o dia 20 aqui na Assembleia, na nossa Casa, a Assembleia Legislativa, a nossa Casa... Só não consegui subir aquela

escadona, que aí eu ia ter que deitar lá no chão, para depois continuar a viagem.

Aí, a grande alegria- eu estava vindo de táxi -, com um sorriso, mostrando os dentes, como alguém já falou:

- Eu vou receber um Voto de Louvor lá na Assembleia.

- Que é isso? O motorista no Uber.

Aí eu expliquei, toda alegre, sorridente, com a orelha esquerda para o lado dele, e tal. Ele ficou revoltadíssimo. Quase que eu tive que descer voando de lá do táxi, com bengala e tudo. Que isso era um absurdo, tã-nã-nã. E depois, eu só disse que não, que não tem, que isso não existe, que não-sei-o-quê, tã-nã-nã. Aí, com muita calma, eu pedi para ele parar, porque senão a gente ia bater o carro. Ele ficou revoltado mesmo. Aí eu falei:

- Agora que eu estou melhorando a minha perninha, que eu vou começar a correr, quebro de novo? Não tem condições.

Aí expliquei para ele:

- Olha, não é isso que você está pensando. É assim-assim-assim. Seria interessante se tivéssemos igualdade.

Aí, fiz aquela aula para ele, explicando o que foi falado aqui.

- Ah, tá bom.

- Não precisa ficar tão revoltado que ninguém quer tomar o lugar de ninguém.

Mas ainda para mostrar para vocês como a coisa está encostada na gente ainda, como ainda tem muito- eu estou com 68 anos - como que ainda tem que lutar. Porque oLazinho é mais novo, está com 60. Mas eu já estou já bem na frente. Mas eu agradeço ao Deputado. A gente chama de

Lazinho, que aí fica mais próximo, não é? A Rose já sabe disso, que a gente fica mais próximo. Mas, nos primeiros passos lá, para montar o Conselho, me lembro que teve também os dedinhos dele, e de outras pessoas. E hoje nós estamos aqui. Eu espero que isso vá continuar. Alguém disse que vai ter mais prêmios no ano que vem. Então, eu quero ficar de olho aberto para voltar. Mais gente, mas também mais prêmios.

Muito obrigada por vocês terem vindo. Muito obrigada, Deputado Lazinho, e muito obrigada pelo convite de estar aqui. Aí, eu fecharia dizendo assim: "valeu a pena ter feito todo esse trabalho". Eu só queria que a gente não se esquecesse da Tereza de Benguela, do Quilombo de Pimenteiras. Porque é nossa também. E aqui quem me ajudou muito também para que eu conseguisse manter o grupo de mulheres Raízes Negras, Negras Raízes um tempão foi a Natália Barbosa. Ela não está mais aqui, nem a Tereza, mas elas são um exemplo de luta em relação à mulher negra. Espero não ter passado.

O SR. LAZINHO DA FETAGRO (Presidente) - Obrigado, Dona Ana Maria. Está garantido. Eu não sei se nós vamos poder fazer no dia 20 o ano que vem, porque tem que ver o calendário, se não vai cair no sábado ou no domingo. Tirando isso, está garantido, Vera. Se a gente estiver vivo, se Deus permitir primeiro. Porque senão... Sem Ele, nada acontece. Nós vamos fazer novamente, Ana, pode ter certeza. Também vou chamar de Ana só. Vai ser numa sexta-feira, então, com certeza, a gente vai estudar uma forma de fazer. Se não for na sexta, a gente faz em um dia que dê, porque depende aqui da Casa também.

Passo então agora para a nossa "negra loira". Eu estranhei quando li lá na relação, porque não fui eu que fiz a relação. Eu não conhecia todos assim pela liderança e pela luta. Conhecia como pessoas, mas quem conhecia era... Quem conhece é o Conselho, quem conhece é o Antônio, quem conhece são vocês, Silvestre... Gislaine, lá-lá-lá, lá-lá-lá, Lebrinha. Eu falei:

- O que a Gislaine está fazendo aqui?

Eu falei com o Antônio:

- O que que é, Antônio?

Ele falou:

- Não, é uma pessoa que tem o poder no município, que é administradora, que é Prefeita, e que, como nenhum outro na história, olhou para nossa população como ela olhou. Então, por isso, ela está aqui.

E agora, conversando com ela aqui dentro, ela falou:

- Eu nem sei se eu mereço porque a gente faz tão pouco.

Então, não é que você faz tão pouco, é que a gente precisa de tudo e tem muita coisa para fazer. Então, tudo que a gente faz é suficiente. Contigo, Prefeita.

A SRA. GISLAINE CLEMENTE (Lebrinha) - Boa tarde a todos. Gostaria de cumprimentar todos aqui, em especial...

O SR. LAZINHO DA FETAGRO (Presidente) - Aí assim: fazendo inveja para o pai dela também. Eu gosto de fazer inferninho, entendeu?

A SRA. GISLAINE CLEMENTE (Lebrinha) - Cumprimentar aqui o Deputado Lazinho e agradecer imensamente. Parabenizar inicialmente por esta Sessão Solene. Agradecer também aqui pela indicação. Eu tenho certeza que o Professor Marcos e o Antônio Neto têm o dedo nesta história. Agradecer imensamente. Em nome de vocês, cumprimentar toda a Mesa aqui composta, em especial essa figura maravilhosa que conheci agora, e que já aprendi a admirar muito. E aprendi muito aqui também. Cumprimentar todos os presentes, em especial todos os homenageados. Cumprimentar aqui os munícipes de São Francisco, a Professora Rosária, juntamente com os alunos de Santo Antônio e Pedras Negras. Deixar um cumprimento especial também ao Amaury, nosso Vice-Prefeito de Costa Marques, que está sempre junto com a gente nessa luta.

A gente dizia mesmo, conversando com o Deputado Lazinho, eu falo assim: "eu acho que a gente precisa fazer tanto mais ainda, não é? Que eu falo assim: "será que eu sou tão digna dessa homenagem"? E foi para mim com tanta alegria quando eu conversei... O Neto me mandou a mensagem. Enfim, perdi a mensagem. São tantas mensagens que tem no meu WhatsApp, que, quando eu vi, mal pude acreditar. Porque eu vejo que a gente ainda precisa avançar muito. Na verdade, eu não sei porque a gente discute isso até hoje, que eu acho que era uma coisa que já era para ter sido estagnada, superada. Eu acho que a gente não teria mais que estar, no século hoje que nós estamos, nos tempos que estamos hoje, com acesso à tecnologia, a informação que nós temos hoje, a gente está tendo esses debates ainda - não é, Uilian? Eu acho que isso já teria que ter sido superado por toda a sociedade. Mas eu, negra loira, como já fui apelidada e gostei muito, me indigno muito ainda quando eu

veja, acontece alguma forma de exclusão. Seja ela racial, de gênero enfim, todas as formas de exclusão que nós temos hoje ainda me deixa muito indignada, nós somos todos iguais, não deveria haver essa divergência ainda até hoje, essa luta ainda para que um seja melhor do que o outro. Eu acho que o amor ao próximo, é muito maior do que isso.

Nós vimos falando agora no momento político há poucos dias, onde eu conversava com a eterna assessora da eterna Deputada Marinha Raupp, a Lourdes Maria e a Penha, essa grande amiga também, e nós vínhamos falando da dificuldade de ser e estar hoje, a mulher na política. E eu vinha falando do preconceito, enquanto mulher eu sofria quando fui candidata pela primeira vez, em ser mulher e estar na política, coisas que a gente acha que não existe mais, mas existe. De usarem chacota na campanha, fazerem piadinhas como: "Essa menina, não sabe nem fritar ovo, quanto mais administrar um município." Mal sabem que o meu ovo e o miojo é a minha especialidade, viu professor? Sou ótima, quem quiser a receita. Então, as pessoas ainda brincavam com isso. "Como o Deputado Lebrão vai colocar essa menina para administrar um município, mulher." E as próprias mulheres, às vezes, com essa forma, se não mais mulheres discriminando nós mulheres, achando que nós não somos capazes. E ainda comentava com a Penha e com a Lourdes, imagina se eu como mulher já senti essa discriminação, essa indiferença, imagina enquanto mulher e negra, quantas dificuldades vocês não passam. Quanta luta vocês não passam e não superam dia a dia.

Então, me coloco na situação de vocês, da mesma forma, independente de cor, que eu falo que eu gosto tanto de cabelo cacheado que o meu cabelo começou até a cachear ultimamente. Eu acho lindo. Eu acho linda a mulher que se define negra e que deixa os seus cabelos cacheados e que se

veste de forma tradicional. Eu acho lindo e eu admiro muito vocês assumirem isso. Eu acho que é muito lindo, é maravilhoso e vocês têm que ser orgulhar sim. Ainda brincava, essa cor branca fica logo toda flácida e a mulher negra não, ela forte, ela é poderosa, não discriminando aqui os homens, mas as mulheres negras são muito mais lindas, viu. Apesar de que toda loira gosta de um negão, desculpa a brincadeira. O meu marido não está perto eu posso falar. Mas as mulheres negras são lindas. Então, tenham orgulho sim dessa raça de vocês, negra, definam isso mesmo que é maravilhoso. E tenham certeza que também tem uma negra loira que acha isso maravilhoso, afinal, todos nós somos iguais, independente de raça, cor e gênero.

Muito obrigada e parabéns a todos vocês.

O SR. LAZINHO DA FETAGRO (Presidente) - Próximo, desculpe que eu tive que dar uma saidinha ali, William. Senhor William dos Santos, para fazer o uso da palavra por três minutos. Depois o senhor Orlando pode ir se aproximando que nós também temos horário, Dona Maria da Penha e o Everaldo Lins, são os que estão inscritos aqui.

O SR. WILLIAM DOS SANTOS RAMOS COIMBRA - Antes de mais nada, eu gostaria de compartilhar este Ato de Louvor com o pessoal do Incra. Se não fosse o pessoal do Incra, eu não estaria aqui para falar do trabalho que a gente faz diante das comunidades quilombolas. Se é um prêmio, esse prêmio é nosso, da família Incra.

Eu gostaria de dizer o seguinte, bem rapidinho eu vou ler. Obrigado, Deputado, pela homenagem, mas hoje eu preferia comemorar o dia da consciência humana. Como diz um

ator negro americano, Morgan, "O dia que pararmos de nos preocuparmos com a consciência negra, amarela ou branca e nos preocuparmos com a consciência humana, o racismo, o preconceito e a discriminação desaparecem.". E eu digo mais, enquanto o povo não tiver a consciência humana para olhar para o negro de igual para igual, não haverá o Dia da Consciência Negra para se comemorar. Nada adianta pensar na consciência negra, amarela, branca, parda, azul ou de qualquer cor se não pensarmos na consciência humana. Somos todos seres humanos, independente da nossa cor. A nossa consciência como seres humanos é o que deveria ter mais valor e ser comemorada, festejada e respeitada.

Agradeço o Voto de Louvor nominal a mim, mas como eu já disse, já antecipei aqui, não é só a mim é toda uma equipe do Incra que me proporcionou a desenvolver um trabalho que está sendo visto no Brasil inteiro, como um dos melhores trabalhos à frente de comunidades quilombolas do Brasil. A realidade atual desse povo, pessoal aqui de Pedras Negras, pessoal de Santo Antônio, meu respeito a todos vocês, meu carinho; se confunde aos seus antepassados, com um pouco mais de crueldade, tendo em vista que apesar do mundo ter mudado, aparentemente evoluído, para esse povo o tempo não passou, pois sequer o direito a dignidade humana ele tem. Ainda esperam ter acesso à saúde, moradia, educação, assistência social e jurídica. Cadê o povo de Pedras Negras? Preso. Ou mesmo o direito a voz. As comunidades quilombolas do Estado de Rondônia clamam pelos direitos assegurados pela Constituição Federal, nos demais instrumentos jurídicos. E aqui, quero ressaltar a atitude, a importância do Ministério Público Federal e a Justiça Federal de Ji-Paraná, que sempre estão de portas abertas para as nossas reclamações.

Agradeço, muito obrigado. Obrigado aos meus amigos, meu Superintendente, meu Chefe de Divisão, meu Chefe de Recursos Humanos e a nossa Jornalista que eu já ao vejo aqui. Obrigado a todos, muito obrigado Deputado. Espero no próximo ano, ter mais gente aqui para comemorar o Dia da Consciência Negra.

O SR. LAZINHO DA FETAGRO (Presidente) - Willian, nós é que temos que agradecer. Nós é que temos que agradecer.

Passo então, agora, para o Senhor Orlando Francisco e eu peço à compreensão que nós temos aqui o Orlando, a Maria da Penha, o Senhor Everaldo Lins, a Rosa Negra e Mãe Nilda que se inscreveram. Nós temos aqui aproximadamente quinze minutos para encerrar o nosso evento, está bom?! Vamos lá, Orlando.

O SR. ORLANDO FRANCISCO DE SOUZA - Boa tarde senhores, boa tarde senhoras. Em nome do Antônio Neto gostaria de agradecer o convite desta Casa, do Deputado Lazinho e em nome deste Plenário eu gostaria e em nome das minhas filhas Ana Lúcia Tauani e Ana Paula, meu Gerente Regional da Eletronorte eu quero cumprimentar, através dele, todo este Plenário, é Eduardo Rocha.

Primeiramente eu gostaria de ser um ponto fora desta curva aqui. Agradecer Deputado, imensamente a este Voto de Louvor, Antônio Neto, o Conselho. Dizer que aqui chegando eu encontrei o Carlinhos Maracanã, Dadá, Bubu, Eunice e tantas outras pessoas que já faziam a resistência neste Estado. Assim como no interior do Estado, o pessoal do Grupo União de Consciência Negra, Pensimã, Léo, Ana Maria e nós constituímos o estudo de cidadania negra para poder complementar as ações e nossas ações eram complementares.

Eu gostaria de dizer e chamar a atenção para uma coisa muito grave que nós estamos vivendo. Nós estamos vivendo e voltando à idade das trevas. Quando um Governador do Rio de Janeiro diz que vai dar um tirinho na cabeça, ele está dizendo que vai matar negros. Quando o Governador de São Paulo diz que está liberado matar, ele está dizendo que está liberado matar negros. Tanto é verdade que os indicadores dizem, Deputado, que aumentou em 75% a mortalidade de jovens negros. A polícia brasileira está sendo letal contra a população negra. E diminuiu o número de jovens brancos mortos, em 25% aproximadamente. Que política é essa? Eu gostaria de chamar a atenção aqui para alguns fatos que são importantes. Primeiro, parabenizar o Deputado Lazinho e confirmar que a ausência dos outros diz da relevância desse processo. Só tem um Deputado aqui. Essa Casa tem 24 Deputados. Essa irrelevância que os outros dão. Por que não estão presentes? Não me interessa se tem outra atividade. Esta data é importante para o Estado de Rondônia.

Eu gostaria de dizer uma frase de Giovanni Harvey que abriu a minha mente para a população que está em média idade: "nós estamos matando a Previdência Social de amanhã, assassinando a nossa juventude". Porque isso custa muito dinheiro para o Brasil, isso custa bilhões para o Brasil. Quando a gente interrompe a vida de alguém, são bilhões em recursos que são arrancados de cada um. Eu quero trazer aqui a indignação, porque a festa é bonita, um Voto de Louvor, mas segundo Solano Trindade, dizia: "eu canto Palmares, porque Palmares é o canto de uma raça em plena luta pela libertação". Nós estamos em plena luta pela libertação, ainda, 500 anos depois. E eu canto Palmares sem inveja de Virgílio de Homero ou de Camões. Porque é o que nos ensinaram. Apaixonar-se por Camões, apaixonar-se por Virgílio de Homero e não falar de Teresa de Benguela, num

Estado igual Rondônia. E dar invisibilidade ao antilhanos e o bombagai. Bombagai, essa nova última leva, Professor Marco Teixeira, que tem vindo agora, os boas-quentes. Que têm vindo agora através dos coiotes. E eu diria que a gente pode pensar em 5 entradas de negros porque esqueceram os negros do interior do Estado de Rondônia (que dizem que o Estado de Rondônia é feito por gaúchos e catarinenses). E quem foi que plantou café e cacau aqui neste Estado? Se não foram negros mineiros, negros baianos, os negros do Espírito Santo? Por que diz que o interior de Rondônia é loiro?

Nós sabemos que essa invisibilidade é política. Vou encerrar dizendo que é fantástico este trabalho aqui. É importante reconhecer as pessoas, cada uma que tem dado sua contribuição aqui. Alguns eu não conhecia, mas eu tenho certeza de que estão aqui porque deram contribuiçãoem algum momento. E tem dado nas suas respectivas áreas.

Mas eu, Carlinho Maracanã, Dadá, Jorge, Bubu Johnson, nós éramos do tempo em que um gerente do Banco do Brasil, aqui, praticou um racismo contra a negra, e nós colocamos o gerente, Superintendente do Banco do Brasil para fugir de Rondônia. Porque todos os dias nós íamos à porta daquele Banco mostrar que ele tinha que respeitar o cidadão enquanto cliente daquele Banco.

Nós somos de uma época de fazer política em que o Detran colocava em todos os cruzamentos "ponto negro" nas faixas. E nós brigamos e fizemos a Resolução do Detran mudar para colocar: "cruzamento perigoso". Porque tudo que era questão de negro era associada à coisa ruim. Coisa ruim. Campo negro e um monte de coisas: tá na minha lista negra, etc. Mas eu queria parabenizar, agradecendo cada um e dizer: estou aqui para sair daqui indignado.

Nós estamos vivendo um período de trevas. Esse fato do deputado que foi citado aqui é só mais um. Porque a Fernanda Montenegro, uma artista, foi escorraçada e está se repetindo todo dia. E se nós, sociedade, não reagirmos, qualquer cabo e soldado, conforme diz o Presidente da República, pode dar "porrada" em qualquer um da gente. E nós não vamos deixar, porque nós somos "resistência".

O SR. LAZINHO DA FETAGRO (Presidente) - Obrigado, Orlando. Muito obrigado. Senhora Maria da Penha, para fazer uso da palavra. Aqui? Lá? Quer ir lá?

A SRA. MARIA DA PENHA DE SOUZA MENEZES - Boa tarde a todos os senhores e senhoras, Deputado Lazinho. Eu quero aqui agradecer e estou me sentindo muito honrada por estar hoje aqui representando um movimento que iniciou lá na década de 80, 40 anos atrás - não é, Rosa? Não é, Ana Maria? - que iniciamos um movimento negro no interior do Estado de Rondônia. E eu quero aqui dizer para vocês que me lembro do dia e do horário. Nós fizemos a nossa primeira reunião em 13 de maio de 1983, no Barracão da Igreja São João Dom Bosco, em Ji-Paraná. Essa foi uma reunião oficial onde estávamos, naquele momento, mostrando as nossas caras pretas para toda a sociedade e dizendo que o Estado de Rondônia é um Estado também negro. E que o Estado de Rondônia precisava ser visto diferente, precisava ter políticas públicas que cuidassem da população negra. E é por isso que eu estou muito satisfeita, que 40 anos se passou, mas nós temos pessoas como o senhor, Deputado, que tem a coragem. Porque precisa ser corajoso para colocar essa plateia aqui repleta de negros e negras que

contribuíram para o desenvolvimento das políticas públicas de igualdade racial no Estado de Rondônia.

Muitas vezes, ainda nos acusam de vitimistas, não é? "São vitimistas. Querem ser vítimas. Eles que criam o preconceito". E isso não é verdade. Porque eu quero dizer que assim, com todo respeito com todas as pessoas brancas, como a minha querida amiga Prefeita Lebrinha, que tem tanto carinho, que eu tenho tanto carinho, e que sei do respeito dela com a comunidade, que ela hoje é Prefeita, e gerencia. É, isso não é verdade. Muitas vezes nós somos colocados como culpados por aquilo que nós não produzimos, porque só quem é negro sabe o que é viver na pele o preconceito. E eu sou fruto dessa luta. Eu digo que hoje, nós não precisamos mais de movimento negro, porque nós somos negros em movimento e ocupando todos os espaços de poder. E queira Deus, que daqui para frente, com tudo isso que está acontecendo no nosso País, nos dá mais força, nos impulsiona a sair daqui mais fortalecidos e de mãos dadas em qualquer lugar deste Estado e deste País que nós estivermos, nós somos a resistência - viu, Orlando? Muito obrigada.

O SR. LAZINHO DA FETAGRO (Presidente) - Muito obrigado Penha. Professor Everaldo, Professor Everaldo, é lá de Rolim de Moura. Mandar um abraço a toda a comunidade lá de Rolim de Moura, em nome do Professor Everaldo Lins. Isso é matuto de luta nossa já de tempo - não é, Professor?

O SR. EVERALDO LINS DE SANTANA - Vou dizer algumas palavras em homenagem aos estudantes e também ao evento que é Consciência Negra, agradecer ao Deputado Lazinho. Estive aqui, não aqui, mas, na outra, me parece falando sobre Dia

da África, Dia Internacional da África e tudo mais, acho que o Neto também, parabenizo o Neto. Ressalto a atitude que o Presidente do Conselho de Igualdade Racial aqui no nosso Estado. Eu referencio também, em especial, o Professor Marcos Teixeira, estamos sempre juntos, e foi o orientador meu no mestrado que um dia eu fiz aqui em Guajará-Mirim; saudosa memória do grande Professor Jean-Pierre Angenot, e aí o Jean-Pierre Angenot, foi um branco. E a primeira vez que eu estive na Europa, em Bélgica, fique justamente na casa do Jean-Pierre Angenot. Então, meus amigos, maior quantidade de amigos que eu tenho são brancos. E foi o Jean-Pierre Angenot, que me ajudou, visto que eu fui para a Bélgica, fazer um trabalho no Museu Real de África Central, era justamente sobre Línguas Bantu, e fiquei na casa dele. Então, outras pessoas, colegas professores, todos brancos me ajudaram bastante, mas, como nós estamos aqui falando de negros.

Zumbi nasceu em 1655, na Serra da Barriga, que é, até o século XIX, ficava e Pernambuco, meu Estado, eu sou pernambucano. Então, Zumbi, era meu conterrâneo, e é meu conterrâneo no caso. Eu lembro que eu visitei o Quilombo dos Palmares, Serra da Barriga, e é até emocionante visto que nós falamos sobre Quilombo dos Palmares, e outras coisas da natureza, e às vezes esquece o que é o Quilombo, não é? Não vou me adentrar aqui sobre detalhes da palavra Quilombo. Mas, a gente vê quando chega à Serra da Barriga, que lá existiam, além do engenho de cana, tinha, existem ainda habitações traços de indígenas.

Então, no Quilombo dos Palmares havia além de negros, indígenas. A gente observa também lá na Serra da Barriga, que existiu também brancos pobres. Então, o Quilombo dos Palmares, é chamado de Palmares em virtude de lá na Serra da Barriga, existia, na época, muitas árvores palmeiras e

eles faziam, eu vi o Professor Marcos Teixeira falou de mocambo, é curioso dizer que essa palavra mocambo vem de uma das Línguas Bantu. Existem cerca de 500 Línguas Bantu. E Mocambo significa nada mais, em uma dessas línguas, Quimbundo, significa a parte mais alta da casa. Lá no Quilombo dos Palmares, eles aproveitavam a madeira da palmeira para fazer a casa e a folha para cobrir e foi lá no Quilombo dos Palmares que Zumbi nasceu. A palavra "zumbi" não significa zumbi, nada mais nada menos do que um "guerreiro". Existem outras nuances do termo zumbi, mas eu estou dando uma ênfase, dizendo que foi no Quilombo do Palmares, uma região na qual estava representado o povo brasileiro: o negro, o indígena e o branco. Além disso, é importante dizer, mas são três minutos, eu vou tentar ficar nesses três minutos para não... teria muitas coisas a dizer, mas que as línguas e as expressões linguísticas do nosso País. A primeira vez que eu estive em Angola, lá em Lubango, Huíla, a semelhança de palavras, de termos que temos aqui no Brasil e quediz diretamente que o Brasil é um País cujo vínculo com Angola, sobretudo, Lubango, que fica na Huila, Sul de Angola, esse vínculo é de tal forma que o Brasil se expressa angolanamente. Engraçado isso, o jeito do brasileiro - eu acho que já está em 3 minutos não é? -, então eu agradeço numa das línguas africanas "dapandula", significa (obrigado).

O SR. LAZINHO DA FETAGRO (Presidente) - Obrigado, Professor. Eu gosto de ouvir professor porque o tempo dele é bem mais do que o nosso dinheiro. Professor, obrigado Professor Everaldo.

Chamo então a Rosa Negra para fazer uso da palavra.

A SRA. ROSENILDA FERREIRA DA SILVA (Rosa Negra) - Boa tarde a todos e todas. O momento é de agradecimento, mas ao mesmo tempo aumenta muito as nossas responsabilidades com a luta - não é, professor? Agradecer Deputado Lazinho, eu acho que esse é o resultado de nós termos um deputado de esquerda na Casa. Nós já sabemos que os outros 23 não têm compromisso com a maioria da população deste Estado, está claro, não é? Dizer, para os companheiros, exaltando aqui Tereza de Benguela e as mulheres do nosso Estado, mulheres que fizeram histórias; mulheres que fizeram história no nosso Estado e que até hoje estão na invisibilidade, não é? Professora Eunice, minhas reverências; Ana Maria, já tão debilitada, que lá quando nós estávamos com 20 anos, já estava com a bolsa nas costas rodando este Estado trabalhando em prol do seu povo. Penha Simão, eu sou suspeita para falar da família, que lá estava sempre fazendo debate conosco, ainda meninas. Lionilda Simão, que tem mais a mesma idade que eu, que chegou à direção do maior Sindicato da Região Norte do Estado de Rondônia. Quero aqui agradecer a Deus pela vida da minha companheira Jamile, da Eliana, do Nereu, que é o Presidente da CUT, que faz essa luta junto conosco; Silvestre, que há muito tempo estamos nessa caminhada; Neto, que também sou suspeita para falar porque é nosso companheiro, meu companheiro de luta e dizer que..., Emília Simão, a família Simão, que começou nessa luta muito cedo; minha companheira Sandréa, que me acompanha em todos os debates. Não quero deixar de dizer aqui da Professora Rosângela Hilário, que tem feito um trabalho espetacular no Estado de Rondônia, é da Universidade e o Sintero, que é que me proporciona, que é o meu Sindicato que proporciona tudo isso. Cleide, maravilhosa! Silvana que não está aqui; gostaria de falar, Mãe Nilda, são tantos outros homens e mulheres que fazem a resistência neste Estado.

Foi falado aqui da Mesa muitas coisas, a maioria da população deste País ela está sempre sendo jogada para os mocambos, para as favelas e para a beira dos rios. Não existe uma política pública consolidada em defesa daqueles que construíram este País. Daqueles que morreram nesta terra, que derramaram o sangue nesta terra para que eu e você estivéssemos aqui hoje ainda falando dessa resistência. A população que construiu este País não é respeitada. E quando a gente fala de Movimento Negro, de Defesa do Negro, quando nós debatemos na escola a Lei 10.639, muitas pessoas ainda dizem para a gente: "isso é mimimi"; 72% de violência contra homens e mulheres negras é mimimi? Sessenta e oito por cento das mulheres que morrem vítimas de violência são negras. Mulheres que são violentadas, violência obstétrica, leia aqui para o nosso Deputado no Estado, são negras. É só ver as estatísticas. Não precisa ir muito longe. Pegue o cronometro da violência, dê uma olhada nele; é de arrepiar. Porque os camburões sobem à favela e descem lotados de corpos negros, lotados. E depois se descobre que não eram eles os assassinos, que não eram eles os traficantes, mas já estão mortos. Mas eu quero dizer que aqueles que morreram, eles são sementes, eles brotam, porque não adianta tentar nos invisibilizar porque nós vamos brotar, nós vamos brotar neste Estado, nós vamos brotar neste País, nós vamos continuar na resistência. Não vamos sair da luta, perpassa pela educação. Quando aquele senhor - que eu não quero dizer o nome -, fez aquele ato no Congresso é uma violência simbólica. Ele estava dizendo "Olha o que eu vou fazer com vocês. Olha aqui o que eu estou fazendo com vocês". Ele estava dizendo, é violência simbólica. Nós vivemos essa violência todos os dias.

Para finalizar minha fala, que eu não quero passar do horário, Deputado Lazinho, eu quero dizer aqui, quero

agradecer aqui em público, um momento muito difícil que eu tive na minha vida aqui em Porto Velho. Algumas pessoas me acompanharam, mas uma pessoa que entrou na minha casa, que pegou meu filho pela mão, que é o Orlando, - que eu não estou vendo, não sei onde o Orlando está, já foi - Orlando. Eu quero agradecer, Orlando, pela sua vida, pela vida da Lionilda Simão, que tem luta, que poucas pessoas acompanham. Você foi um dos que me acompanhou nos momentos mais difíceis da minha vida, e a Lionilda Simão. São histórias que só nós sabemos. Que o negro, quando ele, por algum motivo, ele fracassa, esse um motivo vira milhões de motivos, porque nós sabemos o que pode acontecer. E tantos outros companheiros que me acompanharam nos momentos difíceis. Eu estou falando do nome do Orlando, porque o Orlando foi para dentro da minha casa e ele nos pegou pela mão. Eu estou contando aqui porque eu nunca falei para ninguém. E a minha família que me acompanha diuturnamente.

Estou emocionada porque é assim que acontece. Porque se nós negros não nos juntarmos, não estivermos juntos e não estivermos de mãos dadas, nós seremos dizimados, companheiros. Porque não há uma promoção do Estado. Porque os nossos jovens estão morrendo nas drogas, mas o verdadeiro traficante está na Casa Grande. Ele está na Casa Grande. Ele não está na favela, não. Ele está na Casa Grande. E é isso que nós precisamos entender. Nós negros precisamos entender isso. Porque os coronéis, os senhores de engenho continuam no poder. Enquanto os coronéis e os senhores de engenho estiverem no poder a população negra vai ser dizimada.

Eu termino agradecendo pelo companheirismo, pela luta, por estarmos juntos, porque se não estivéssemos juntos, não estaríamos aqui. E o recado para os companheiros, Senhor

Lazinho, está dado. Nós vamos dar este retorno nas urnas. Obrigado.

O SR. LAZINHO DA FETAGRO (Presidente) - Obrigado, Rosa. Mãe Nilda, para encerrar. Depois só o Vice-Prefeito Amaury. É. Até porque já vencemos o horário nosso.

O SR. JOSÉ CARLOS PAIM (Mestre de Cerimônia) - Aproveitar a oportunidade e agradecer a presença da Dra. Maria Eugênia de Oliveira, representando a Comissão dos Direitos Humanos da OAB - Rondônia.

A SRA. AULENILDA LOPES DE OLIVEIRA - Boa tarde a todos e a todas. Eu quero cumprimentar a Mesa, principalmente você, Deputado Lazinho. E eu quero fazer um pedido. Tenho duas pessoas na Mesa que são Ogãs: Ogã Silvestre e o Professor Domingos. Que bom que a gente tem dois representantes das nossas comunidades.

O senhor conhece a minha luta. O senhor já me viu várias e várias vezes dentro das Secretarias. Nós temos uma Federação que foi construída em 2012. Nós temos uma luta muito grande. Eu estou com dois mandatos dentro do Conselho de Promoção de Igualdade Racial, brigando todos os dias pela nossa comunidade. A Comunidade Terreirinho. E muitas vezes dá vontade da gente desistir. Porque são dois mandatos, são anos e anos de luta, de briga. Se é difícil para o negro, você imagine nós, comunidade de terreiros, o que nós sofremos todos os dias.

E eu quero fazer um pedido. Eu já fiz isso várias e várias vezes - está aqui o Neto que sabe -, dentro do

Conselho, Secretarias e Secretarias; o que é que nós queremos? É uma luta que a gente vem há tempos, o Neto sabe disso. No começo a gente queria que fosse implantada uma delegacia para tratar de crimes religiosos, porque infelizmente as nossas delegacias, quando a gente vai registrar um B.O. (Boletim de Ocorrência) de intolerância, preconceito, discriminação, você sabe que as pessoas não sabem como tratar? Eu já fui. E pela minha experiência, a gente tem que argumentar várias coisas para que os infratores sofram uma penalidade, senão só é registrado um B.O. O que nós queremos? Nós, comunidade de terreiros, que a gente vem brigando; que seja implantado dentro das Unisp (Unidade Integrada de Segurança Pública) o núcleo que trate de crimes religiosos. Que sejam pessoas preparadas para tratar deste crime, porque quando você chega numa delegacia é muito triste. E nós, comunidade terreiro, nós sofremos discriminação, preconceito, intolerância, ódio religioso.

Por esses tempos eu registrei também um boletim contra o meu vizinho. Eu tenho 47 anos que trabalho com espiritualidade e nunca entrei numa delegacia. Então, de certos tempos para cá a violência contra nós, comunidade terreira é muito grande. Então, o que é que nós queremos? Que o senhor brigue com nós, se junte a nós nessa luta, nessa briga. Eu sei que isso aqui é uma Casa de Leis e que muitas vezes precisam os deputados interferir para que as coisas sejam concretizadas. Então, eu estou fazendo um pedido muito carinhoso ao senhor, pelo tempo que o senhor me conhece independente de religiosidade. Mas eu quero que o senhor abrace esta causa conosco. Então, muito obrigado.

O SR. LAZINHO DA FETAGRO (Presidente) - Obrigado, Mãe. Minha mãe era filha de Umbanda e agora Deus levou, agora não, já tem 05 anos. E lá no Paraná ainda, a gente, ela

participava, frequentava e ela era filha, espiritualmente filha de Umbanda. Então, eu acho que aí você me apertou irmã. Mãe não me aperta não. Eu sei que ela, eu ia com ela porque eu era criança, ela frequentava o terreiro de Umbanda e eu me lembro até do nome dos espíritos que eram recebidos e que eram trabalhados; as entidades, não é? Isso. E um deles eu não esqueço nunca, que era o Caboclo Arruda. Então, eu aprendi a respeitar e amar. Eu sou católico, participo da comunidade Santa Marta e nada impede que umbandistas participem da comunidade da igreja também, muito pelo contrário.

Mas, eu vou pegar junto com vocês, podem ter certeza, abraçar a causa. Vamos agendar, Antônio, uma reunião com o Secretário de Estado agora, em seguida, próxima semana para que a gente comece a discutir isso, além, da questão da Lei que foi colocada aqui, da implantação da legislação que precisa ser implantada.

Para fechar então o nosso Vice-Prefeito de Costa Marques, o Senhor Amaury Antônio, por três minutos. Se professor fala muito, você imagina um político.

O SR. AMAURY ANTÔNIO RIBEIRO DE ARRUDA - Vou tentar. Gente, uma boa tarde a todos e a todas. A gente primeiro agradece a Deus pela oportunidade, agradece também a minha família, em especial a minha filha Ângela que está aqui com a minha netinha Any; agradecendo muito também ao Neto, um grande parceiro também, com certeza foi ele que me indicou, eu fico muito feliz; a propositura também do Deputado Lazinho, eu não tinha conhecido o senhor, mas já admiro desde então, parabéns; as demais autoridades que eu chamo de autoridade que estão nesta Mesa; a nossa amiga particular Lebrinha, faz um grande trabalho em São

Francisco com as Comunidades Quilombolas de Pedras Negras e Santo Antônio.

Eu aqui, para quem não me conhece, eu venho oriundo da comunidade do Forte Príncipe da Beira. Eu tenho o meu presidente que também foi homenageado, o Elvis, faz um grande trabalho na comunidade.

Nossa luta, eu vou falar mais especificamente, a nossa luta é muito grande para reconhecimento como Comunidade Quilombola e só para vocês terem uma ideia, vocês falaram na ditadura, lá na Comunidade do Forte, a ditadura sempre existiu e continua existindo, infelizmente. Só que nós conseguimos avançar. A nossa briga, eu falo de briga porque é briga mesmo, é uma luta diária porque a sua vida é revirada, é ameaçada constantemente por pessoas que não têm sequer a dignidade de mostrar a cara.

Mas a luta é importante dizer que nós temos que lutar em defesa de pessoas que não são chamados, que não são favorecidos ou desfavorecidos, mas sim de pessoas honestas, comprometidas como são as Comunidades Quilombolas. Está aqui o professor de Pedras Negras, grande companheiro, amigo. Não sei se ele já foi embora, um rapaz digno também que veio lá de Costa Marques. Mas a gente fica preocupado em saber que há uma diferença muito grande entre negros e brancos, infelizmente é essa a realidade. A diferença é marcante. Aí você já imagina, quando você faz uma luta contra uma entidade que é reconhecida mundialmente, que é o Exército. É muito difícil! A luta foi muito grande, mas sem luta ninguém consegue avançar. A luta para ter a dignidade desses povos ainda não acabou, era necessário uma luta de acompanhamento muito grande.

Eu te parablenizo também William, excelente trabalho meu amigo, em nome de todo Incra. Olha, a gente só tem a

agradecer o trabalho que vocês têm desenvolvido nessas comunidades. Então, toda luta tem um resultado, eu digo para vocês que tem sim, continuem lutando porque nós, através do Ministério Público Federal, conseguimos, pela primeira vez, inédito, um acordo entre Comunidade Quilombola e Exército Brasileiro que teve que reconhecer que era uma Comunidade Quilombola. Isso não é importante para nós?

Então, temos que continuar com a luta, temos que continuar querendo que seja respeitado o direito do cidadão, quer seja negro, branco, pardo que seja, mas receber aquela dignidade que é necessária para todos. Eu tenho que dizer para vocês, a luta tem que continuar. Vamos levantar a cabeça e procurar pessoas que realmente nos represente. Eu vim de lá, já fui vereador, já fui Secretário, estou Secretários, sou Vice-Prefeito. E vamos continuar nesta luta do mesmo jeito, porque o povo quer e quer pessoas de responsabilidade sobre nós. Muito obrigado.

O SR. LAZINHO DA FETAGRO (Presidente) - Muito obrigado, meu amigo, Vice-Prefeito Amaury. Eu quero aqui, para encerrar, antes de encerrar agradecer a todos, a cada um e cada uma que se fazem presentes conosco até agora. Agradecer a toda Mesa posta. Agradecer a todo Cerimonial pela paciência, pelo carinho que sempre me trata e trata a nossa equipe. Agradeço de coração a esta Casa.

Saliento, e eu sei da ansiedade de todos e todas pela presença de mais deputados, da quantidade que pudesse ter todos os deputados. Mas infelizmente não é dessa forma. Nós temos uma equipe hoje que está em Salvador, na Bahia, onde estão discutindo na UNALE, é o último encontro nacional dos deputados. Nós temos outras agendas. O mais importante para nós é que tem um deputado que conhece a causa, e o que não conhece que aprender, e que nesta Casa tudo que a gente

coloca e propõem eles não se negam a votar. Todas as leis que eu propus até agora e o que sair daqui, com certeza, terá o apoio desta Casa. Isso eu posso garantir a vocês. Claro, que 23 mais seria melhor do que um só, mas estão junto conosco pode ter certeza disso, esta a Casa não se prestará a reconhecer isso. Está bom.

Nosso gabinete está à disposição de vocês. Vocês sabem que não é demagogia. Nem tudo a gente consegue resolver. Agora, o instrumento político de vocês, do nosso povo é o nosso gabinete e estará sempre à disposição, vocês podem ter certeza. Errando ou acertando nós vamos estar juntos. Depois que terminar, tem aqui atrás, vamos dar um jeito de ir todo mundo, com muito cuidado. Tem a merenda aqui atrás e, temos também, nós vamos prestigiar, claro, a exposição da nossa Artista, que está sendo, pela primeira vez, colocado nesta Casa.

Invocando a proteção de Deus, e agradecendo a presença de cada um, encerrando e a presente Sessão Solene, convido a todos então para tomar um coffee break e participar conosco da visita a exposição da nossa Artista Marcela Bonfim. Uma exposição fotográfica aqui atrás. Muito obrigado pela presença de cada um e cada uma.

(Encerra-se esta Sessão Solene às 17 horas e 34 minutos)

(Sem revisão dos oradores)